

1º SIMPÓSIO DE

## PRAGAS QUARENTENÁRIAS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA



# I SIMPÓSIO DE PRAGAS QUARENTENÁRIAS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

### Comissão Organizadora:

**Elisângela Fidelis de Moraes** - Presidente do Simpósio - Pesquisadora da Embrapa Roraima

**Marcelo Lopes da Silva** - Pesquisador do Cenargen

**Daniel Augusto Schurt** - Pesquisador da Embrapa Roraima

**Hyanameyka Evangelista de Lima-Primo** - Pesquisadora da Embrapa Roraima

**Denise Navia Magalhães Ferreira** - Pesquisadora do Cenargen

**Rinaldo Joaquim da Silva Júnior** - Analista da Embrapa Roraima

**Clarice Monteiro Rocha** - Analista da Embrapa Roraima

**Thassiane Ubida de Jesus** - Analista da Embrapa Roraima

**Alcides Galvão dos Santos** - Analista da Embrapa Roraima

### A Amazônia Brasileira: uma porta de entrada de pragas no Brasil?

**Elisângela Fidelis de Moraes** - Presidente do Simpósio - Pesquisadora da Embrapa Roraima

A região Amazônica brasileira, que abrange os estados do Pará, Amazonas, Maranhão, Tocantins, Mato Grosso, Acre, Amapá, Rondônia e Roraima tem sido uma importante porta de entrada de pragas quarentenárias no Brasil, geralmente provenientes de países vizinhos.

Nas últimas duas décadas, sete pragas quarentenárias entraram no Brasil por essa região e mais 66 espécies estão na iminência de entrar. Diversos fatores contribuíram para que a Amazônia brasileira se tornasse alvo de entrada de inúmeras pragas quarentenárias, tais como: a grande extensão de fronteira com outros países; dificuldade de acesso e, portanto, dificuldade de fiscalização; falta de pessoal para fiscalização; baixa capacitação de pessoal para identificação de espécies-praga; clima favorável ao estabelecimento de insetos e ácaros; pouca



atuação dos países vizinhos na defesa fitossanitária de seus territórios; e avanço da produção agrícola e pecuária da região.

A Amazônia brasileira corresponde aproximadamente a 60% do território nacional e faz fronteira Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Suriname, Guiana e Guiana Francesa. A extensão da fronteira dessa região com essas divisões políticas tem cerca de 11.000 km, o que representa 65% da fronteira brasileira. A maior parte dessa fronteira é composta por rios e florestas praticamente inabitadas. Entretanto, em alguns locais o trânsito de pessoas é intenso. Os principais pontos de acesso terrestre ao território brasileiro são os municípios de Pacaraima (norte de Roraima, na fronteira com a Venezuela), Bonfim (nordeste de Roraima, na fronteira com a Guiana), Oiapoque (noroeste do Amapá, na fronteira com a Guiana Francesa), Tabatinga (oeste do Amazonas, na tríplice fronteira entre Brasil-Colômbia-Peru), Benjamim Costant/Atalaia do Norte (também a oeste do Amazonas, na fronteira com o Peru), Assis Brasil (sul do Acre, na fronteira com Bolívia e Peru), Brasiléia (sudeste do Acre, na fronteira com a Bolívia) e Guajará Mirim (sudoeste de Rondônia, na fronteira com a Bolívia).

Devido a essa grande extensão e ao intenso fluxo de pessoas nesses principais pontos de acessos, a entrada de pragas quarentenárias no Brasil pela região Amazônica tem sido frequente. Muitas dessas pragas são consideradas quarentenárias e sua entrada pode ocorrer tanto por vias naturais de dispersão ou trânsito de material infestado. Nessa região, as barreiras fitossanitárias são escassas e o trânsito de material vegetal é intenso devido à grande movimentação de pessoas. Em muitos locais, o acesso é dificultado devido à falta de estradas e a presença de grandes rios e florestas densas. Além disso, boa parte da fronteira é composta por terras indígenas que compreendem a 1.086.950 km<sup>2</sup>, ou seja, 21,7% do território amazônico. Muitos desses povos indígenas vivem em território brasileiro e em território de países vizinhos, transitando livremente nas fronteiras.

Mesmo com a fiscalização nos principais pontos das fronteiras, considerando a vastidão da Amazônia, é praticamente impossível manter um controle eficaz da entrada de produtos agropecuários. Além disso, a melhoria na



infraestrutura viária o que favorece a movimentação de pessoas na região, a exemplo da ponte sobre o Rio Tacutu em 2009, ligando a cidade de Bonfim em Roraima à cidade de Lethem na Guiana; a construção da ponte que liga o Oiapoque (Amapá) a Guinana Francesa; a repavimentação da BR 319 que liga Manaus (Amazonas) a Porto Velho (Rondônia) e, a construção da “Estrada do Pacífico”, também conhecida como Rodovia Interoceânica, que liga o Acre ao litoral sul do Peru. Essa infraestrutura rodoviária fez com que muitos locais, antes inacessíveis, tivessem um intenso fluxo de pessoas, que normalmente transportam diversos vegetais, aumentando conseqüentemente o risco de disseminação de pragas.

Além disso, a região Amazônica brasileira também tem ampliado sua produção agrícola e pecuária e hoje é considerada uma nova fronteira agrícola. O avanço da agricultura na região tem provocado o desflorestamento e conseqüentemente redução da biodiversidade e implantação de monocultivos que favorecem a proliferação de pragas.

A entrada de uma praga quarentenária no Brasil pode causar sérios prejuízos aos cultivos agrícolas, às limitações do comércio interno e externo e, também, à diversidade de espécies nativas. Devido à ausência de inimigos naturais, geralmente, uma praga quarentenária ao ser introduzida atinge altas densidades populacionais, causando a redução da produtividade das culturas hospedeiras, aumentando assim os custos de manejo e, de certa forma, inviabilizando a permanência das culturas em algumas regiões. Além disso, a presença de uma praga quarentenária em uma determinada região pode implicar no impedimento de comercialização de plantas hospedeiras para locais livres da praga. Essa proibição comumente é tomada pelo MAPA e pelas agências estaduais de defesa fitossanitária com o objetivo de impedir a disseminação da praga.

A maioria das pragas que entraram na região Norte Brasileira ainda não se distribuiu pelo país e para os principais centros agrícolas brasileiros. Além disso, a região Norte participa apenas com 4% do valor da produção agrícola brasileira. Isto explica os baixos impactos econômicos causados por estas pragas ao Brasil.

I<sup>o</sup> SIMPÓSIO DE

## PRAGAS QUARENTENÁRIAS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA



As sete pragas quarentenárias que entraram no Brasil pela Amazônia nos últimos anos são: Mosca-da-carambola *Bactrocera carambolae* Drew & Hancock (Diptera: Tephritidae), detectada no Amapá em 1996 e em Roraima em 2010; a Sigatoka-negra *Mycosphaerella fijiensis*; a mosca-negra-dos-citros *Aleurocanthus woglumi* Ashby (Hemiptera: Aleyrodidae), encontrada no Pará em 2001 e atualmente disseminada por vários estados brasileiros; o ácaro-hindustânico-dos-citros *Schizotetranychus hindustanicus* Hirst, detectado em Roraima em 2008; o ácaro-vermelho-das-palmeiras *Raoiella indica* Hirst, detectado em Roraima em 2009 e no Amazonas em 2011; a cochonilha-rosada *Maconellicoccus hirsutus* Green, detectada em Roraima em 2011 e mais recentemente o besouro-da-acerola de *Anthonomus tomentosus* (Faust, 1894) (Coleoptera: Curculionidae) relatado em Roraima em 2014. Além dessas pragas que já entraram no Brasil, há pelo menos 66 espécies quarentenárias ausentes (A1) já estabelecidas nos países pan-amazônicos e algumas apresentam grande risco de entrada na Amazônia brasileira.

Assim, o objetivo do I Simpósio sobre Pragas Quarentenárias na Amazônia Brasileira é proporcionar aos seus participantes a oportunidade de aprimorar conhecimentos, trocar experiências e discutir sobre a vulnerabilidade da Amazônia Brasileira a entrada e dispersão de pragas quarentenárias. Serão abordados no evento os fatores que favorecem a entrada de pragas na Amazônia Brasileira; os impactos econômicos, ambientais e sociais da introdução de novas pragas no Brasil; as principais pragas que entraram e apresentam risco de entrada na região; e as medidas de prevenção e controle de pragas quarentenárias. No final do simpósio, será proposta uma reunião para elaboração de um documento com sugestões de ações a serem tomadas para se minimizar o problema de entrada e dispersão de pragas quarentenárias na Amazônia Brasileira. Também serão propostos projetos de pesquisas em rede para realização de estudos com: métodos de monitoramento e identificação, potencial de distribuição e estabelecimento de novas pragas, impactos econômicos e controle preventivo de pragas quarentenárias.